

Título do Subprojeto

Identificação:

Grande área do CNPq: Linguística, Letras e Artes

Área do CNPq: Artes Plásticas

Título do Projeto: ATELIÊ DE ARTISTA: processo e criação como documento nas artes visuais na arte pública no Espírito Santo a partir de dois artistas

Professor Orientador: Aparecido José Cirilo

Estudante PIBIC/PIVIC: Mariana Ribeiro P. Lugon

Resumo: integrado à linha sobre Arte Pública e Criação em Processo: estudo do processo de criação de artistas capixabas (PPGA/CNPQ). Este subprojeto objetivava estudar, inicialmente, o processo de criação de artistas que trabalham com intervenções urbanas ou com Arte Pública, em sua interface com os as práticas e arquivos pessoais e institucionais de criação - especificamente o ateliê do artista Rodrigo Rosa e a complementação de pesquisas já iniciadas com o artista José Carlos Vilar. Assim, este estudo que justificou-se pela necessidade de se refletir sobre o ateliê como espaço de experimentação da arte pública e como este remete para a construção do objeto, revelando como este é contaminado e contamina o meio onde se insere. Nesse período, conforme especificado no relatório parcial, tivemos que nos limitar à investigação dos procedimentos de José Carlos Vilar. A investigação se fundamentou nos pressupostos teóricos e metodológicos da crítica genética ou Crítica do Processo e em subsídios da Teoria e História da Arte. Concluímos a pesquisa com um material inédito sobre a produção deste artista, e que parcialmente foi apresentado em um congresso Internacional em Florianópolis e aguarda publicação.

Palavras chave: 1) Arte Capixaba; 2) Processo de Criação; 3) Teoria e História da Arte; 4) Crítica Genética; 5) José Carlos Vilar

1 – Introdução

Estudar o processo de criação via os documentos e arquivos do processo criador produzidos pelos artistas plásticos contemporâneos, na Região Metropolitana de Vitória (ES), é uma tarefa que nos leva a discutir o próprio conceito de documento da criação. Partimos aqui da hipótese de que o lugar da criação, o espaço do ateliê, do artista pode ser pensado como *locus* de vestígios da criação, o que nos leva a pensá-lo como um arquivo ou um documento do processo criador, pois permite perceber nuances da criação em ato (Cirillo e Grandó 2009).

O trabalho de arte pública, direcionado para os espaços coletivos da cidade, também tem sua interface com os espaços íntimos dos ateliês dos artistas. O atelier e a prática artística são a origem de um processo criativo que, muitas vezes, se torna difícil para traduzi-lo em palavras por ser constituído de uma narrativa íntima e, teoricamente, intransmissível do gesto criativo, ato esse, origem do objeto. Essa visão iluminista, entretanto, alimenta a imagem romântica do artista como gênio e esconde que por trás de uma obra, ou um conjunto delas, existem esforço e trabalho diários

– como qualquer outro trabalho conhecido. Além disto, os espaços de ateliê revelam nuances e índices do processo de criação, revelando como elementos de próprio espaço de trabalho, ou mesmo de restos e registros de obras anteriores contaminam os novos processos criativos: uma evidência de que existe uma possibilidade de simbiose entre a obra e o espaço onde ela é gestada.

Os ateliês são considerados um elemento importante nas obras da artista, na composição da obra, mas principalmente enquanto elemento processual, de forte importância metodológica e estética. É o lugar da criação. O ateliê de criação se coloca como um verdadeiro arquivo vivo, sendo mais que um fiel depositário dos rascunhos e restos de obras finalizadas: esse espaço é dinâmico, é memória em ação (Cirillo, 2004). Para Lima (2007, p. 18), o ateliê surge como metáfora: *“O atelier é [...] muito mais que o espaço de trabalho. Muito mais do que o espaço onde se tira as fotografias, onde se atende telefones, onde se organiza dossiers, onde se desenha, onde se pensa.”* Assim, estudar a arte pública capixaba, a partir desses espaços de criação, é colocar em cheque o mito da genialidade, além de evidenciar a rotina que envolve a criação artística e o movimento da mente criadora em busca do objeto da arte.

Neste projeto, procura-se encontrar algumas possibilidades de resposta para a reflexão sobre o processo de criação de obras para espaços públicos e intervenções urbanas no espaço do ateliê, esse entendido como documento de processo, como algo que trás em si as marcas indiciais do processo de criação dessas obras e revelando parte das decisões tomadas pelo artista.

O estudo aqui proposto está embasado na Crítica Genética, movimento que surgiu na França, em meados do século XX – tendo chegado ao Brasil na década de 1980 - cuja principal característica, segundo Cirillo e Grandó (2009), consiste na investigação científica dos documentos e arquivos do processo de criação, marcas indiciais da mente criadora em ação.

A pesquisa centrou-se na investigação da produção do atelier de José Carlos Villar. A escolha desse artista deu-se pela densidade do trabalho, sendo suas produções influenciadas pelo espaço de criação e que visa os espaços coletivos.

Deste modo, este projeto teve como meta identificar as questões recorrentes no processo criativo do artista, catalogando, digitalizando, transcrevendo e analisando os documentos e marcas que evidenciem as interações entre o espaço pessoal e o espaço urbano. Para tal, utilizou-se a crítica genética como ferramenta de estudo, pois ela dá a oportunidade de acesso a uma metodologia de investigação do material inédito sobre o percurso gerador das esculturas e intervenções produzidas por ambos artistas em seu espaço pessoal.

Assim configurado, este é um subprojeto da pesquisa sobre a arte pública no Espírito Santo, a partir de 1990, coordenado pelo prof. Dr. Cirillo que visa identificar e investigar o processo de criação de artistas contemporâneos capixabas. Portanto, este subprojeto deu continuidade aos trabalhos de iniciação científica desenvolvidos nos últimos anos, permitindo o aprofundamento nas interfaces entre o processo de criação dos artistas.

2 – Objetivos

Esta pesquisa teve como Objetivo Geral:

- investigar a arte pública no Espírito Santo a partir do estudo do processo de criação do artista José Carlos Vilar.

E como objetivos específicos:

- investigar o espaço dos ateliês de artista como índices do processo de criação neles desenvolvido, buscando identificar nesses espaços características que nos levem a classificá-los como documentos de processo.

- investigar os documentos (arquivos, rascunhos, matrizes, tintas, maquetes, etc) de José Carlos Vilar buscando identificá-los, classificá-los e ampliar o Banco de imagens do processo criador do artista.

- contribuir para a compreensão e o estudo sobre a arte pública contemporânea no Espírito Santo;

- testar a hipótese de que o ateliê do artista pode ser entendido como documento de processo no campo ampliado.

3 – Metodologia

Esta pesquisa se caracterizou como um estudo exploratório e como estudo de caso. Tem como base os pressupostos metodológicos da Crítica Genética, de base semiótica; empregando métodos de coleta de dados inicialmente a partir do conjunto de artistas capixabas, Em destaque José Carlos Vilar.

O trabalho foi desenvolvido em duas etapas concomitantes: a investigação do espaço pessoal de criação e a investigação do espaço urbano de criação.

O estudo investigou algumas possibilidades de compreensão do processo de criação como uma atividade dinâmica capaz de evidenciar as nuances da construção da obra. Os principais arquivos depositários da informação aqui buscada decorreram, portanto, de como o espaço influencia o processo criativo do artista e dos estudantes.

Durante a segunda etapa, se iniciou a coleta de dados por meio dos procedimentos abaixo:

- Coleta de documentos de processo a serem classificados, catalogados, digitalizados e analisados;
- Depoimentos do artista (entrevista formal e informal), que subsidiaram algumas das possíveis conclusões;
- Pesquisa de fontes bibliográficas.

Cumprida esta fase, demos início à digitalização e/ou gravação em meio digital – após uma higienização inicial naqueles em que se fizer necessário tal procedimento. Finda essa etapa, procedemos à leitura e transcrição do material selecionado, que será disponibilizado no LEENA e em site específico ao fim da

pesquisa. Depois da digitalização, o material será analisado visando uma edição crítica dos documentos de processo dos artistas (porém, não no âmbito deste subprojeto).

Os procedimentos da coleta, análise e crítica do material tiveram como referência metodológica os procedimentos da crítica genética (Hay, 1999 e 2007; Grèsillon, 1994, 2007; Salles, 2000, 1998, Cirillo 2002 e 2004).

4 – Resultados

A pesquisa iniciou-se com a coleta de dados do artista José Carlos Vilar, onde foi feito um levantamento inicial de seu histórico como artista, suas obras e do espaço de seu ateliê.

O artista José Carlos Vilar é um escultor capixaba que graduou-se em Artes Plásticas em 1974, pela Universidade Federal do Espírito Santo. Foi professor na UFES (1976 – 2012) e atualmente, dedica-se exclusivamente a carreira de escultor. Possui obras monumentais para espaços públicos. O seu processo de criação vai de sua memória pessoal e das influencias de fatores sociais, além de tudo que o cerca. O artista possui uma característica pessoal de forma que se repetem em suas obras, tornando-as sua identidade. Possui o hábito de fazer todo registro de seu trabalho no processo de criação da obra, como observamos nas imagens abaixo:



Figura 1: Esboços do artista.; Foto: Mariana Lugon

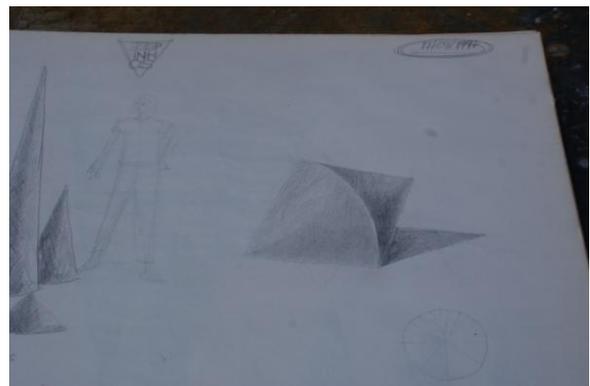


Figura 2: Esboços no caderno do artista. Foto: Mariana Lugon

Como observado, o registro é feito em folhas avulsas, pastas e cadernos contendo desenhos que, dependendo do olhar, podem ser considerados como preparatórios; uma vez que é a partir desses desenhos que ele parte para a criação e estrutura de suas obras.

Todo este levantamento e registro foram feitos no espaço do ateliê do artista, também objeto desta pesquisa, que nos permitiu concluir que no ateliê o espaço é dividido igualmente com os documentos de processo e sua concretização em madeira e metal (materiais escolhidos pelo artista para esse fim), com os quais estabelece uma relação pautada por uma atitude de pesquisa e de diálogo constantes (figura 3 e 4).



Figura 3: Espaço do ateliê do artista. Foto: Mariana Lugon



Figura 4: Ateliê. Foto: Mariana Lugon

Esses resultados apresentados foram obtidos no primeiro momento da pesquisa, na segunda etapa, foi realizada a classificação e catalogação dos arquivos. Esses foram registrados nos arquivos do LEENA. Uma grande quantidade de material ainda está nessa fase, pois não foi possível fazê-lo no período vigente da pesquisa.

Como já citado, infelizmente nem toda proposta apresentada pode ser realizada no período de pesquisa, e por conta disso, foi apresentado à proposta de renovação da pesquisa junto ao PRPPG para que possamos dar continuidade. Nesta renovação, daremos enfoque ao artista Rodrigo Rosa, uma vez que pouco foi estudado sobre este artista na pesquisa em questão, o que foi justificado no relatório parcial.

Vale ressaltar como resultado obtido, a apresentação desta pesquisa no XI Congresso Internacional da APCG, que ocorreu no período de 18 a 21 de junho de 2013 em Florianópolis- SC, cuja ocorrência à publicação do artigo científico.

5 – Discussão e Conclusões

Os resultados obtidos foram de acordo com os estudos realizados a partir da bibliografia disponível. Foi observado *in loco* o que antes foi citado por Cirilo, 2010 que “*O ateliê de criação se coloca como um verdadeiro arquivo vivo, sendo mais que um fiel depositário dos rascunhos e restos de obras finalizadas: esse espaço é dinâmico, é memória em ação*”. O ateliê do artista Vilar, é um exemplo disso, onde por toda parte encontramos o registro de sua obra, seja em qual dimensão for, ou para qual fim foi realizada. É só no espaço do ateliê que o pesquisador pode vivenciar a vida do artista e assim, captar o máximo de seu processo de criação.

Portanto, podemos observar a importância desses registros do processo de criação do artista para a história da arte e principalmente, a arte capixaba (tão carente dessas informações), e no caso da pesquisa, o estudo da arte pública capixaba.

A compreensão do processo de criação do Vilar é observando esses registros, e logo identificamos uma característica pessoal de forma que se repete em sua obra, do esboço a maquete, tronando-as assim a sua identidade. Formas recorrentes que dão vida a obras tão diferentes e únicas.

É a partir do seu registro que Vilar parte para a confecção da maquete da obra. Essa maquete feita em escala menor da obra final torna-se necessária, uma vez que grande parte de suas obras são monumentais feitas para o espaço público. Observando essas maquetes em seu ateliê (figura 5 e 6), nos leva ao questionamento se eles são só o “produto da obra” ou se são a própria obra do artista. A perfeição com que são executados, não pode se considerar como apenas um “produto”.



Figura 5: Estante com obras/ maquetes no ateliê do artista
Foto: Mariana Lugon



Figura 6: Obras/ maquetes no ateliê do artista
Foto: Mariana Lugon

Passada a etapa de maquete, o artista passa para a execução final da obra (figura 7 e 8) que nem sempre é realizada em seu ateliê devida as proporções que a obra assume. Essas obras são executadas em galpões metalúrgicos e isso por sua vez nos leva ao questionamento da relação do artista com seu ateliê e com esses espaços (que será discutido adiante).

Com base nessa pesquisa de criação no espaço do ateliê, passamos a encarar o processo de construção da obra como resultado de um trabalho complexo. É um trabalho progressivo, que vai atravessando diferentes etapas e que definitivamente não “nasce pronta”. Ao nos depararmos com o processo criador, “as camadas superpostas de uma mente em criação vão sendo lentamente reveladas e surpreendentemente compreendidas” (SALLES, 2000, p. 14).

O registro do ateliê do artista evidencia-se que ele divide o espaço igualmente com os documentos de processo e sua concretização em madeira e metal (materiais escolhidos pelo artista para esse fim), com os quais estabeleceu uma relação pautada por uma atitude de pesquisa e de diálogo constantes. O ateliê do Vilar, mais que um local de trabalho, é onde ele passa 90% do seu dia e, assim, assumem diferentes papéis. É seu galpão e seu escritório, ao mesmo tempo em que é o local de criação. Ali está sua cozinha, seu computador portátil, sua sala de reuniões, é onde ocorre todo seu processo de criação.

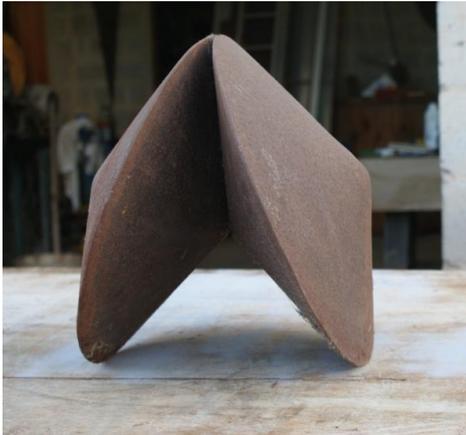


Figura 7: Maquete de uma obra do Vilar



Figura 8: Obra finalizada e já alocada no espaço público.
Fotos: Mariana Lugon

Dentro desse contexto, fez-se necessário uma postura investigativa desse espaço do artista, para que houvesse uma desconstrução da visão idealizadora do espaço, como aponta Marisa Flórido César na revista *Arte e Ensaios*:

“Se aguardamos o momento excepcional da aparição de uma obra, ela também se mostra ali em processo, inacabada, misturada na percepção cotidiana, entre os objetos do dia-a-dia, desprotegida das molduras que a fazem, confundida ao senso comum. E logo percebemos que o ateliê também encerra as exterioridades mundanas, a trivialidade da vida e dos dias comuns, o ordinário das horas, a rotina do artista. (...) A natureza do ateliê é ambígua: ele pertence ao universo artístico, mas é extrínseco à obra de arte. Como a moldura, insere-se nos domínios da margem, dos apensos à obra de arte”

Essa relação do artista com o seu ateliê nos leva ao questionamento do quanto isso influencia no seu processo de criação, uma vez que ele cria, no mesmo local em que “vive”. As memórias e lembranças estão por toda parte, independente de em qual dimensão for e isso deixa o artista imerso nessa atmosfera de criação.

Outra particularidade do ateliê do Vilar é a sua relação com um galpão metalúrgico. Devido ao metal que é recorrente em suas obras, o ateliê também assume esta função operaria. E essa relação íntima do artista com seu local de trabalho, faz com que ele assuma também uma relação íntima com o galpão metalúrgico que executa a sua obra final. Passa a ser um local familiar para o Vilar, o galpão metalúrgico – externo ao seu ateliê. Coloca-se como uma espécie de prótese topológica – uma extensão metafórica de seu espaço íntimo de criação -, torna-se uma extensão do seu próprio ateliê.

Essa relação umbilical *ateliê – galpão metalúrgico* é percebida no próprio formato do espaço do ateliê do artista (projetado pelo próprio Vilar – figura 9), no seu material, no maquinário existente dentro do ateliê, as ferramentas utilizadas, etc. (figura 10)



Figura 9: O ateliê do Vilar (vistas externa e interna). Foto: Mariana Lugon



Figura 5: Galpão metalúrgico onde uma obra do Vilar estava sendo executada. Foto: Mariana Lugon

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Investigar o espaço do ateliê do artista Vilar, nos levou muito mais que o simples conhecimento do seu trabalho, nos conduziu aos questionamentos sobre como o trabalho é criado e executado, todo seu processo de criação, seu envolvimento com as obras e sua relação com o ateliê.

A investigação de um processo, já nos remete ao inacabado e com isso, a pesquisa constante de registros que nos leva as novas situações, novos questionamentos e novas descobertas de um artista que tanto tem a oferecer a arte capixaba.

É importante salientar que pouco foi feito em apenas um ano de pesquisa e muito ainda há de ser estudado para que possamos traçar um perfil do artista e a partir daí, o perfil da arte pública capixaba a partir dos anos 1900.

Pretendemos dar continuidade a pesquisa realizada sobre o papel do ateliê como documento de processo; para tal, renovamos a bolsa ICT, cuja renovação apresentada a PRPPG, dará continuidade ao trabalho realizado com o artista José Carlos Vilar, finalizando-o, mas principalmente para buscar as aproximações inicialmente previstas no projeto original, colocando ênfase ao artista Rodrigo Rosa. Assim, esperamos contribuir para a reflexão sobre os processos e produtos da arte pública no Espírito Santo.

6 – Referências Bibliográficas

- CESAR, Marisa Flórido. O Ateliê do artista. In: Arte & Ensaios. Revista do Programa de Pós graduação em Artes Visuais. Rio de Janeiro: EBA-UFRJ, ano XIV, nº 15, 2007.
- CIRILLO, José; GRANDO, Ângela (Org). Arqueologias da Criação: Estudos Sobre o Processo de Criação. Belo Horizonte, Com Arte, 2009.
- CIRILLO, José. Imagem – Lembrança: Comunicação e Memória no Processo de Criação. 2004. 160f. Tese (Doutorado em Comunicação e Semiótica) – Universidade Católica de São Paulo. São Paulo, 2004.
- _____. Pela Fresta: memória como matéria no processo de criação de Shirley Paes Leme. *Farol*, Vitória: Ufes, ano 3, n.3, p. 61-73, 2002.
- HAY, Lois. Pour une sémiotique du mouvement. *Gênesis*, n. 10, 1996
- _____. A montante da escrita. Tradução de José Renato Câmara. *Papéis Avulsos*, Rio de Janeiro: Fundação Casa Rui Barbosa, n. 33, p. 5 -19, 1999.
- _____. O texto não existe: reflexões sobre a crítica genética. In: ZULAR, Roberto (Org). Criação em processo: ensaios sobre a crítica genética. São Paulo Illuminuras, 2002, p 29-44.
- SALLES, Cecília Almeida, Crítica Genética: uma (nova) Introdução. São Paulo: Educ, 2000.
- _____. Gesto Inacabado: Processo de Criação Artística. São Paulo: Fapesp/ Annablume, 1998.
- GRÉSILLON, Almuth, Elementos da Crítica Genética, Porto Alegre, UFRGS, 1994, tradução Cristina de Campos Velho Birk.
- LIMA, Francisco Cardoso. O Atelier Enquanto Lugar de Processo de Criação Artística. 2007. 110f. Dissertação (Mestrado em Criação Artística Contemporânea) – Departamento de Comunicação e Arte, Universidade de Aveiro. Aveiro, 2007.